

Textos de Parede da Exposição de Longa Duração

Módulo 1: A diáspora humana

Se quiséssemos contar a história da espécie humana resumidamente, desde suas origens remotas, ela poderia ser escrita por meio de uma série de narrativas de expansões demográficas e migrações que se sucederam ao longo dos milênios. A nossa espécie *Homo sapiens* tem uma origem bem definida na África, de onde se expandiu para a Europa e a Ásia, e depois para a América e a Oceania. Essa expansão levou, ao longo dos milênios, à colonização de todo o planeta Terra.

Expansões demográficas e migrações, portanto, são tão antigas quanto a própria humanidade e a definem. Desde a origem dos tempos, nossos ancestrais têm atravessado continentes ou oceanos – no início a pé ou de barco, e depois utilizando os meios de transporte mais modernos – em viagens realizadas por razões de sobrevivência, políticas, econômicas, religiosas ou até mesmo pela simples curiosidade de conhecer outros lugares. Foram essas migrações que fizeram com que nossa espécie seja a de maior distribuição geográfica pelo planeta.

Módulo 2 - Imigração no Brasil

Ao longo do tempo, muitos povos passaram pelo extenso território que hoje é o Brasil. Embora alguns desses movimentos tenham sido ainda anteriores à chegada dos portugueses, em 1500, é impossível negar que a colonização seja um marco em nossa história. A lógica desse sistema colocou o Brasil na rota entre os continentes europeu e africano, tornando o deslocamento de pessoas pelo Oceano Atlântico até mais importante que o fluxo de produtos economicamente desejáveis. Aos indígenas nativos somavam-se colonos, escravos, traficantes e exploradores. Alguns estavam somente de passagem por aqui, mas muitos ficavam; alguns vinham por vontade própria, enquanto tantos outros eram forçados a vir.

Após a independência do Brasil, em 1822, deu-se importância à identificação de quem era ou não nacional. “Estrangeiro” e “imigrante” eram palavras que materializavam feições mais delineadas a partir de então. A crise do sistema escravocrata colocou a

questão da mão de obra no centro das atenções, no mesmo momento em que se pretendia definir quem era o brasileiro, e “embranquecê-lo” era questão de ordem. Assim, a vinda de estrangeiros, principalmente de famílias europeias para povoar e trabalhar as terras nacionais, foi uma solução apoiada pelos governos. De lá para cá, milhares de pessoas aqui aportaram com o sonho de “fazer” a América – e de “fazer” o Brasil, São Paulo e a si mesmas.

Módulo 2B: As hospedarias e o contexto das migrações

Entre o século XIX e a I Guerra Mundial (1914-1918), os deslocamentos populacionais ganharam uma magnitude até então desconhecida. De 1820 até 1914, migraram para o continente americano aproximadamente 50 milhões de pessoas, provenientes principalmente da Europa e da Ásia, num fluxo crescente, que tornava necessárias novas e complexas estruturas de alojamento.

Quadro numérico dos imigrantes para os Estados Unidos, o Canadá, a Argentina e o Brasil (1820-1914)

<i>País</i>	<i>Período</i>	<i>Números absolutos</i>
<i>Estados Unidos</i>	<i>1820-1914</i>	<i>35.052.123</i>
<i>Canadá</i>	<i>1820-1914</i>	<i>5.625.147</i>
<i>Argentina</i>	<i>1854-1914</i>	<i>4.660.539</i>
<i>Brasil</i>	<i>1820-1914</i>	<i>3.354.829</i>

Fonte: Boletim do Departamento de Imigração e Colonização. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, n.5, dez. 1950. p. 139-140

As hospedarias de imigrantes, estruturas comuns em ambos os lados do processo migratório – saída (emigração) e chegada (imigração) – e típicas desse período de grande fluxo populacional, cumpriram uma função de destaque na dinâmica dos deslocamentos

populacionais. Localizadas, em sua maior parte, próximas aos principais portos de entrada ou ainda em ilhas, concentravam os trâmites de aferição de documentos, controle médico-sanitário, registro e encaminhamento dos imigrantes para os locais de trabalho.

O Estado de São Paulo, um dos principais destinos da emigração para o Brasil, também contava com estruturas para recebimento, abrigo e encaminhamento de trabalhadores e seus familiares. A hospedaria mais importante, no entanto, não foi construída no porto de Santos – embora houvesse um espaço de acolhimento naquela cidade –, mas na capital, mais especificamente no bairro paulistano do Brás. Essa escolha deveu-se à existência de uma malha ferroviária que se irradiava a partir da cidade de São Paulo. Assim, pode-se dizer que a Hospedaria de Imigrantes do Brás foge à regra das demais, portuárias ou insulares, mas o fato de sua estrutura contar com muros altos e acessos de entrada e saída bastantes restritos tornava-a bastante similar a uma “ilha de acolhimento no meio da cidade”.

Módulo Travessia: A viagem

A viagem de quem decidia migrar não começava pela travessia marítima; antes disso, era preciso seguir por terra até o porto mais próximo. No período conhecido como “grande imigração”, diariamente chegavam às cidades portuárias milhares de pessoas prestes a tentar uma nova vida em outro país. Às vezes, havia a necessidade de aguardar o momento do embarque por semanas, em situação bastante precária, principalmente nas cidades que não possuíam hospedarias para emigrantes. Aqueles que pretendiam usufruir das políticas de subvenção eram submetidos a avaliações médicas e vistorias por parte de agentes contratados pelos países receptores, a fim de constatar se apresentavam o perfil desejado. Após esse processo, muitos eram impedidos de embarcar.

O tempo de viagem dependia não apenas da rota e das escalas que eram realizadas, mas principalmente do sistema de funcionamento dos navios. Nesse sentido, o surgimento das embarcações a vapor foi um marco importante na diminuição dos percursos, uma vez que não se estava mais à mercê dos ventos, como ocorria com os navios à vela. Era comum que os emigrantes ficassem semanas a bordo, compartilhando o pouco espaço disponível com outras centenas de pessoas, dia e noite. Gincanas e festas eram organizadas para passar o tempo, mas havia também momentos de tensão, com rebeliões a bordo, por conta das más condições. O maior drama, sem dúvida, eram as mortes, muitas vezes causadas por infestações devidas à

aglomeração de viajantes e às precárias condições de higiene. Nesses casos, os corpos eram lançados ao mar.

Nas falas dos imigrantes, é recorrente a escolha dos dois momentos-limite da viagem. No primeiro deles, a partida, a imagem bastante comum que vem à memória é a dos fios que ligavam os navios ao cais, sendo uma de suas pontas segurada pelo embarcado e a outra por algum parente ou amigo que se despedia. À medida que o navio se distanciava, o fio se esticava até partir, ficando cada um com um pedaço. Esse ritual, bastante simbólico, aliado à imagem do único local conhecido sendo deixado para trás, habitava muitos imaginários. O outro momento é o da chegada em um destino desconhecido. A excitação com o fim do trajeto e a ansiedade eram singulares. Mas após o desembarque, muitos ainda levariam dias para conhecer seus novos lares.

A experiência de migrar é certamente marcante e decisiva. Afinal, quem se desloca no espaço vive os mais variados sentidos de perda de suas raízes, condição que simultaneamente se confronta com a necessidade de reelaboração dessas raízes no novo contexto de inserção.

Módulo 3: Hospedaria do Brás

Após experiências precárias de alojamento de imigrantes na capital paulista, em 1886 foi iniciada a construção da Hospedaria de Imigrantes no bairro do Brás, que passaria a funcionar um ano depois. A escolha do terreno da Hospedaria deveu-se à proximidade com as linhas das estradas de ferro Santos-Jundiaí e Central do Brasil, o que possibilitava a acolhida tanto de imigrantes e migrantes desembarcados no porto de Santos, como daqueles que chegavam pelo Rio de Janeiro. Essa iniciativa visava a centralizar em um só local os serviços de recebimento, acolhimento e encaminhamento de trabalhadores para as lavouras cafeeiras no interior do Estado. A edificação foi idealizada para atender a essas atividades, contemplando espaços apropriados a cada uma delas.

Assim que chegavam à Hospedaria, os imigrantes desembarcavam em uma estação própria, na qual desembocava um ramal ferroviário. Neste local havia o armazém de bagagem, onde os bens trazidos eram abrigados, higienizados e redistribuídos a seus proprietários. Dali, os recém-chegados seguiam para o setor médico para vacinação contra doenças típicas do novo contexto e para o setor de banho, composto por 31 banheiros e estufas de desinfecção para roupas. Em seguida, eram encaminhados para o setor de matrícula, para serem registrados e

receberem um cartão de rancho, no qual eram marcados o vapor em que vieram, a nacionalidade e o número de refeições a que tinham direito, de acordo com as respectivas idades. Posteriormente, dirigiam-se ao refeitório, onde eram servidas as refeições preparadas na própria Hospedaria. Ao fim do dia, seguiam para os alojamentos localizados no térreo e primeiro andar do edifício central, em que homens eram separados das mulheres e crianças. Houve, no entanto, por um curto período, alojamentos mistos para famílias, com espaços separados por divisões provisórias. Um momento importante da permanência nesse espaço era o comparecimento à Agência Oficial de Colocação, onde os trabalhadores entravam em contato com agenciadores representantes das fazendas. Intérpretes profissionais auxiliavam nas negociações e no fechamento de contratos. Havia ainda no complexo edificado uma Agência Postal, Telégrafo e Câmbio, escritórios, enfermarias para adultos e crianças, sala de parto, lavanderia, rouparia e capela.

O encaminhamento para os postos de trabalho era responsabilidade dos funcionários da Hospedaria e, no dia da partida, os imigrantes e migrantes recebiam seu bilhete de transporte e um farnel para a viagem. Assim, chegava ao fim essa primeira etapa em uma terra nova, sendo o tempo médio de permanência na Hospedaria de aproximadamente sete dias, salvo em raras exceções, como no caso de famílias com membros internados por doença, ausência de propostas de trabalho ou indisponibilidade de transporte para o interior.

Módulo 3: Migração Interna

Desde o início de suas atividades, a Hospedaria de Imigrantes abrigou trabalhadores brasileiros vindos de outros Estados. A primeira menção a migrantes nos livros de registro data de 1888, quando um grupo de cearenses passou por suas dependências. No entanto, até a década de 1930, o fluxo de nacionais foi bem menor que o de estrangeiros.

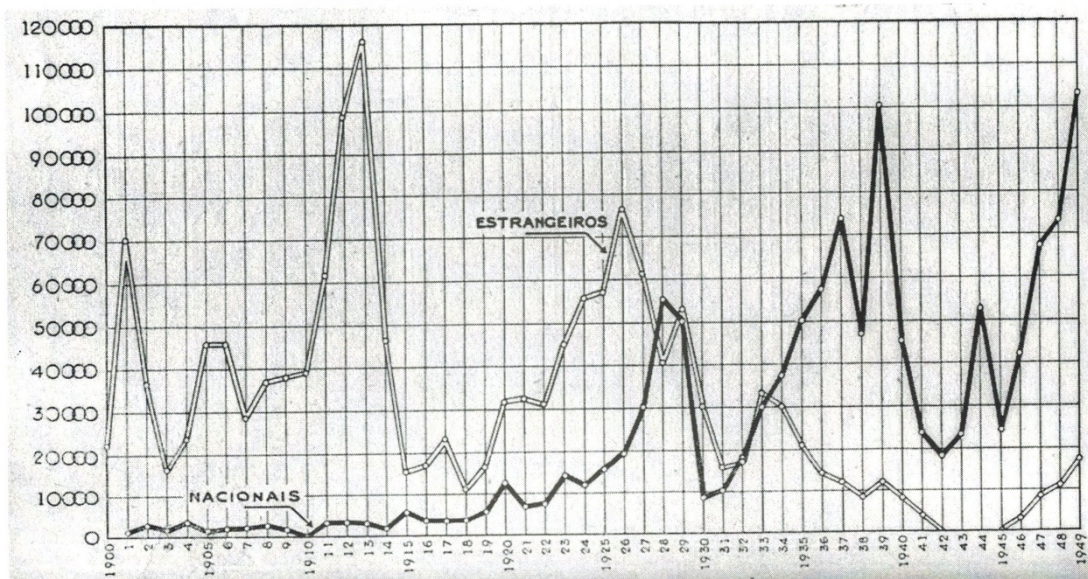
Dois fatores explicam a migração interna em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. As secas periódicas no sertão nordestino e a existência de regiões em processo de estagnação econômica – como foi o caso de áreas produtoras de cana-de-açúcar em Pernambuco ou de algodão em vários Estados nordestinos – impulsionaram milhares de pessoas a buscarem, a partir das últimas décadas do século XIX, a possibilidade de um recomeço nas regiões mais ao sul do país. Por outro lado, a necessidade crescente de mão de obra inicialmente para a cafeicultura, e depois para a industrialização, aliada a uma legislação

restritiva à entrada de estrangeiros e a uma política de nacionalização da mão de obra nos anos 1930, explicam o aumento da entrada de migrantes no Estado de São Paulo.

Em 1939, para atender a esse novo fluxo, foi criada a Inspetoria de Trabalhadores Migrantes (ITM), órgão que passou a administrar a retomada da política de subsídios, desta vez voltada a trabalhadores brasileiros e familiares. Dois postos avançados, um em Pirapora e outro em Montes Claros, iniciavam o processo, com o recrutamento dos migrantes que seguiam para São Paulo por via férrea (via Estrada de Ferro Central do Brasil) ou fluvial (aportando em Santos e seguindo viagem pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí), tendo suas passagens pagas pelo governo paulista. Chegando à capital, eram direcionados à Hospedaria do Brás, onde as formas de recepção, triagem e encaminhamento eram as mesmas utilizadas para os trabalhadores estrangeiros.

A partir da década de 1960, a questão da escassez de mão de obra deixou de ser um problema, principalmente por conta do estabelecimento de um fluxo contínuo de migrantes para São Paulo e da mecanização do campo. Assim, a migração interna passou a ser muito mais uma questão de assistência social, o que explica, em parte, a transferência da Hospedaria de Imigrantes do Brás para o âmbito da Secretaria de Estado da Promoção Social.

Trabalhadores Nacionais e Estrangeiros Entrados no Estado de São Paulo - 1900 a 1949



Fonte: Boletim da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração. São Paulo: Secretaria da Agricultura, n. 5, dez. 1950.

Módulo 4 : Cotidiano

Os imigrantes e migrantes que passaram pela Hospedaria do Brás têm aqui sua trajetória apresentada por meio de dois ambientes emblemáticos – o dormitório e o refeitório –, espaços cenográficos que buscam trazer um pouco do dia a dia, dos sonhos e das aspirações dos indivíduos que no passado conviveram temporariamente nesses ambientes.

Cartas de Chamada

Durante as primeiras décadas do século XX, a troca de correspondência entre os imigrantes radicados no Brasil e seus parentes na Europa era algo comum. Os relatos positivos sobre a vida no Brasil incentivavam os que haviam ficado na Europa a emigrarem, e não era raro que os aqui estabelecidos lhes dessem garantias de emprego e moradia.

Muitos estrangeiros recebiam correspondências com esse teor, conhecidas como “cartas de chamada”, e a eles era facilitado o ingresso no Brasil, pois os fiscais de imigração entendiam que teriam amparo da família ou de amigos para sua fixação no país. Era comum a carta ser confiscada por esses fiscais e anexada à lista de bordo do navio que trazia o imigrante. À medida que as listas de bordo iam sendo arquivadas, as cartas passavam também a compor o acervo da antiga Hospedaria de Imigrantes.

O sucesso das cartas de chamada como expediente de entrada de imigrantes no Brasil, aliado ao fato de muitos deles serem analfabetos, fez com que consulados como os de Portugal e Espanha criassem um modelo para esse documento que, na realidade, era um formulário padrão em que o candidato preenchia seus dados. A leitura desses documentos é uma oportunidade privilegiada de entrar em contato com histórias de vida, redes e laços de sociabilidade somente possíveis por conta da experiência da migração.

Módulo 5: Campo, cidade

Texto introdutório

Ao chegarem no novo país, os imigrantes buscavam diferentes ocupações e lugares para morar. As cidades que cresciam, as pequenas fábricas e as ferrovias em construção, para além das colônias agrícolas, apresentavam alternativas de moradia e novos ofícios para essa população.

O processo de industrialização do interior do Estado está profundamente conectado à movimentação dos imigrantes. A partir da Hospedaria dos Imigrantes, os recém-chegados espalhavam-se em diferentes regiões em busca de trabalho e de um novo lar. Uma parte desse contingente, que já conhecia as fábricas e suas rotinas e estava engajada no meio urbano, aqui se deparou com uma indústria brasileira nascente e um mercado favorável ao crescimento econômico e às novas produções. A experiência dessa população contribuiu sensivelmente para a criação e a consolidação da industrialização no Estado de São Paulo. Seja como empreendedores ou mão de obra operária, as tradições desses imigrantes – que muitas vezes permanecem nos filhos e netos que também aprenderam com essa geração e que levam seus negócios adiante até hoje – estão enraizadas na história de São Paulo.

Campo, cidade

Quem passava pela Hospedaria do Brás recebia não somente acolhimento, mas também a garantia de agenciamento e transporte para postos de trabalho. Após a celebração dos contratos na Agência Oficial de Colocação, cabiam ao administrador da Hospedaria a aquisição das passagens para a estação mais próxima ao destino acordado e a entrega de um farnel para consumo durante a viagem.

O principal objetivo da política paulista durante a Grande Imigração era suprir o campo com mão de obra. Para isso, convênios com fazendeiros eram firmados e lotes em núcleos coloniais eram demarcados e colocados à venda. No entanto, uma vez instalados, muitos dos imigrantes não se adaptavam à vida no campo e à atividade agrícola e buscavam postos de trabalho nas cidades, no comércio ou nas indústrias nascentes.

A imigração é certamente um fator importante para a compreensão da formação do Estado de São Paulo. Muitos municípios surgiram a partir desses fluxos e com eles se identificam até hoje. Mas foram os sons, os sabores e as cores, vindos de tantos cantos diferentes, que acabaram por compor a identidade desses lugares.

Módulo 6: São Paulo, cidade cosmopolita

Módulo 6A:

“...um cosmopolitismo genuíno é antes de mais nada uma orientação, uma disposição para entrar em contato com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes, mais do que por uniformidades.” (Ulf Hannerz, antropólogo).

São Paulo foi até 1870 uma “cidadezinha” com não mais do que 24 mil habitantes. Com a expansão da lavoura cafeeira para exportação e, em seguida, com a industrialização, esse cenário se transformou. A presença de amplos contingentes populacionais de fora, tanto do exterior como de outras regiões do país, foi determinante para que a cidade crescesse de forma rápida, exponencial.

Tal processo refletiu profundamente na vida familiar e doméstica de seus habitantes, nas instituições políticas, na religiosidade, nas estratégias relativas à saúde, na sociabilidade e no entretenimento, na oferta de novos ofícios e de técnicas construtivas, nas expressões artísticas, enfim, nos mais diversos aspectos da vida da cidade – tudo resultando numa variedade de modos de vida que combinou particularidades e traços distintivos.

Ao invés da visão da São Paulo hoje marcada pela violência, problemas sociais, trânsito caótico, etc., podemos apreciá-la a partir de outro ângulo: o da “cidade global”, inserida num circuito mais amplo, mundial, por onde circulam pessoas, mercadorias, recursos. Um lugar que oferece a seus moradores e visitantes uma das faces de seu cosmopolitismo: uma cidade de oportunidades e trocas. Trocas, no mais amplo sentido: de objetos, produtos e serviços, mas também, e principalmente, de símbolos, valores, experiências e histórias.

Módulo 6B:

São Paulo é dividida, desde 1992, em 96 distritos estabelecidos pela Prefeitura. Cada uma dessas localidades político-geográficas guarda registros das múltiplas ocupações que marcaram sua história. Como um primeiro registro da riqueza da cidade, o Museu da

Imigração realizou e aqui apresenta um mapeamento afetivo, histórico e antropológico de quatro bairros: Santo Amaro, Brás, Mooca e Bom Retiro. Essa jornada fotográfica e audiovisual documentou as marcas dessa São Paulo cosmopolita em seus estabelecimentos comerciais, nos restaurantes, na arquitetura, em festas e também em outros espaços de sociabilidade.

Módulo 7: A imigração hoje

Ao longo da história, é possível registrar mudanças de ritmo, intensidade, direção e motivação nos processos migratórios. Países que já foram polos de emigração hoje são procurados como ponto de chegada, principalmente por parte de contingentes populacionais oriundos das ex-colônias – é o que ocorre, por exemplo, na Inglaterra, França, Itália, em Portugal ou na Espanha. Outros países, como Estados Unidos e Canadá, tradicionais polos receptores de correntes migratórias provenientes principalmente da Europa, hoje recebem novas e mais novas de latino-americanos.

É sabido que as pessoas que migram, tanto hoje como em tempos passados, sempre enfrentaram problemas de adaptação, situações de exploração e rupturas com suas tradições culturais e com seus vínculos familiares. Hoje em dia, porém, tendo em vista os impressionantes números que quantificam o volume desses deslocamentos por todo o mundo, tais problemas assumem proporções até então desconhecidas.

No panorama brasileiro, continuamos a receber imigrantes de todo o mundo, agora em outro ritmo, mas também somos um polo de saídas. São Paulo, porém, ainda se constitui em um centro receptor significativo de correntes migratórias internacionais: são provenientes da América Latina, da África e do Extremo Oriente os novos rostos que, entre outros, testemunham a continuidade da vocação do Estado de São Paulo como local de acolhida.

Módulo 8: O edifício e seus usos

A Hospedaria de Imigrantes do Brás

O Museu da Imigração ocupa parte das edificações da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, cuja construção teve relação direta com o aumento do fluxo de imigrantes para São Paulo a partir do final do século XIX, concebida para atender às necessidades de alojamento,

triagem e encaminhamento de trabalhadores e familiares a postos de trabalho, principalmente na lavoura cafeeira.

Dormitórios, refeitório, hospital, enfermaria, sala de registro, estação férrea e agência de colocação foram alguns dos vários ambientes que compunham um dos maiores conjuntos arquitetônicos da cidade de São Paulo quando de sua inauguração, em 1888. Por suas dependências passaram mais de 2,5 milhões de estrangeiros e nacionais, compondo um mosaico de 75 nacionalidades e etnias.

A Hospedaria de Imigrantes foi um lugar de cruzamento de muitas histórias e ingressar em suas dependências é um primeiro passo para descobri-las e para construir tantas outras das narrativas que surgem das diferentes experiências de cada um que visita esse espaço.

A construção do edifício e a criação do Museu da Imigração

O edifício da Hospedaria de Imigrantes do Brás começou a ser construído em 1885, para receber o crescente fluxo de imigrantes que chegavam ao Estado de São Paulo com destino às lavouras de café do interior ou para trabalhar nas indústrias da capital. Devido a uma epidemia na Hospedaria do Bom Retiro, o início do funcionamento de suas instalações foi antecipado para 1887, antes mesmo da conclusão das obras e da inauguração oficial, que ocorreu um ano depois.

Em 1993, foi criado o Museu da Imigração, ocupando parte das instalações da antiga Hospedaria. Sua reestruturação, em 1998, deu origem ao Memorial do Imigrante, que tinha o objetivo de preservar, catalogar, pesquisar e divulgar as memórias e histórias da imigração para o Estado de São Paulo. A maior parte do edifício, no entanto, continuou a desempenhar atividades similares às da Hospedaria, com o funcionamento do Arsenal da Esperança, uma entidade sem fins lucrativos, de caráter beneficente, que abriga pessoas do sexo masculino que não têm moradia, além de migrantes e refugiados políticos.

A importância desse espaço foi reconhecida pelos órgãos de preservação do Estado e do Município de São Paulo. Em 1982, foi tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) e, em 1991, pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo).

O espaço da antiga Hospedaria hoje congrega a preservação da história da imigração e migração em São Paulo, a discussão sobre os fluxos contemporâneos e a acolhida de homens de muitos lugares do Brasil e do mundo. Assim, como um espaço ativo, mantém, no presente, parte do passado da cidade. Elo entre tempos cada vez mais distantes, sua presença na paisagem propicia uma compreensão mais arguta sobre a história de uma cidade marcada pela diversidade de seus habitantes, das mais variadas origens.

O Arsenal da Esperança

O Arsenal da Esperança ou “Casa que Acolhe” foi fundada por Ernesto Olivero e dom Luciano Mendes de Almeida, em 1 de fevereiro de 1996. Todos os dias, oferece abrigo a 1.200 homens que se encontram em dificuldades, devido à falta de trabalho, casa, alimentação, saúde e família, muitos deles oriundos de outros Estados e países. Quem ingressa nesta casa recebe uma acolhida digna e a oportunidade de transformar a sua própria condição de vida. Desde sua fundação, o Arsenal da Esperança hospedou mais de 35 mil homens, ofereceu mais de 4,5 milhões de atendimentos, produziu e forneceu 12 milhões de refeições. Além disso, o espaço do Arsenal promove encontros de jovens e famílias que queiram dialogar e que se proponham a promover ações de paz, justiça e solidariedade.